

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JULIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE ARARAQUARA**

SHEILA ASSIS DE CASTRO

**ANÁLISE DA GÍRIA NA MÚSICA “VIDA LOKA 1” DO RACIONAIS
MC’S**



**ARARAQUARA – SP
2015**

SHEILA ASSIS DE CASTRO

**ANÁLISE DA GÍRIA NA MÚSICA “VIDA LOKA 1” DO RACIONAIS
MC’S**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras–Unesp/Araraquara como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Gladis Massini-Cagliari

ARARAQUARA – SP
2015

SHEILA ASSIS DE CASTRO

Relatório final, apresentado ao Conselho do
Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e
Letras-Unesp/ Araraquara, como requisito para
obtenção do título de Bacharel em Letras.

Araraquara, ___ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Gladis Massini-Cagliari
Afiliações

Prof^a. Dr^a. Juliana Simões Fonte
Afiliações

Prof^a. Ms. Tauanne Tainá Amaral
Afiliações

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais que, de maneira indireta, realizam comigo a oportunidade que, infelizmente, não tiveram.

Aos meus irmãos, pelo amor e pela sintonia imensa que existe entre nós.

Aos resistentes moradores da imensa periferia que é o nosso país, meu máximo respeito.

Ao meu amigo Muranga (*in memoriam*), por termos descoberto juntos o verdadeiro sentido da amizade.

Ao meu querido amigo Daniel Monteiro, pela camaradagem e pelo apoio sincero de todas as horas.

À Rafaelle, uma das melhores pessoas desse mundo, por acreditar nas minhas ideias e me motivar a seguir em frente.

À professora Gladis, por ter me dado essa oportunidade sem hesitar, agradeço imensamente a confiança.

Ao curso de Letras, por ter me tornado um ser humano melhor.

“Periferia é periferia”

Edy Rock (Racionais MC's)

RESUMO

Este trabalho pretende fazer a análise da gíria contida na letra da música “Vida Loka I” do grupo de *rap* paulista Racionais MC’s, sob a perspectiva Sociolinguística, e visa compreender a transição de certos vocábulos que chegaram a ser dicionarizados e hoje figuram como pertencentes à linguagem informal.

Palavras-chave: Estilística. Gíria. Sociolinguística. Preconceito Linguístico. Racionais MC's.

ABSTRACT

This study proposes an analysis of slang words which are present in the lyrics of the song “Vida Loka I”, composed by the group of rap Racionais MC’s from São Paulo, from a Sociolinguistic stylistic perspective, in order to understand the transition of some words which are nowadays considered as informal language to become present in dictionaries.

Keywords: *Stylistic. Slang. Sociolinguistic. Linguistic Prejudice. Racionais MC’s.*

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	3
RESUMO	5
ABSTRACT	6
SUMÁRIO	7
1 INTRODUÇÃO	8
“Vida Loka I”	8
2 LÉXICO E ESTILO.....	13
3 GÍRIA E SOCIOLINGUÍSTICA	15
4 PRECISAMOS FALAR SOBRE PRECONCEITO LINGUÍSTICO	19
5 ANÁLISE DA MÚSICA “VIDA LOKA 1”	21
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em analisar como os integrantes do grupo paulistano de *rap* Racionais MC's retratam o cenário que constitui as favelas da cidade de São Paulo, capital paulista, por meio de uma letra que se utiliza de termos gírios para, de fato, passar a sua mensagem, com toda a expressividade que ela contém. De acordo com Preti (1984, p. 2-3), essa linguagem divergente da norma “serve ao grupo como elemento de *autoafirmação*, de verdadeira realização pessoal, de marca original, ela se transforma em *signo de grupo*”.

A seguir apresentaremos a letra da música “Vida Loka 1”, *1^o corpus* deste trabalho. Os termos gírios contidos na canção também foram destacados e serão analisados posteriormente.

“Vida Loka I”

1. Vagabunda, queria atacar do malucão, usou meu nome
2. o **pipoca** abraçou
3. foi na porta da minha casa lá
4. botou pânico em todo mundo, 3h da tarde
5. e eu nem tava lá... vai vendo!
6. é mas aí, Brown, tem uns tipo de mulher, **truta**
7. que não dá nem pra comentar
8. eu nem sei quem é os maluco, isso que é foda
9. aí vamô atrás desse pipoca aí e já era
10. ir atrás de quem e aonde? Sei nem quem é, **mano**
11. mano, não devo, não temo e dá meu copo que já era

12. e aí, bandido mal, como que é, meu parceiro?
13. e aí, Abraão, **firmão**, truta?

¹ RACIONAIS MC'S. Vida Loka 1. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=U5Kn5eXpRT0>> Acesso em junho de 2015

14. **firmeza** total, Brown... e a **quebrada** aí, irmão?
15. tá **pampa**, aí, fiquei sabendo do seu pai
16. aí, lamentável truta, meu sentimento mesmo, mano!
17. vai vendo, Brown, meu pai morreu
18. e nem deixaram eu ir no enterro do meu coroa não, irmão
19. isso é louco, você tava aonde na hora?
20. tava batendo uma bola, meu, fiquei na **mó** neurose, irmão
21. aí foram te avisar?
22. é, vieram me avisar, mas tá firmão, brou
23. eu tô firmão, logo mais tô aí na quebrada com vocês aí
24. é quente, na rua também num tá fácil não morô, truta?
25. uns juntando inimigo, outros juntando dinheiro
26. sempre tem um pra testar sua fé, mas tá **ligado**
27. sempre tem um **corre** a mais pra fazer
28. aí, mano, liga nós aí qualquer coisa lado a lado
29. nós até o fim morô, **mano**?
30. tô ligado!

31. fé em Deus que ele é justo
32. ei irmão nunca se esqueça, na guarda, guerreiro
33. levanta a cabeça truta, onde estiver seja lá como for
34. tenha fé porque até no lixão nasce flor

35. ore por nós pastor, lembra da gente
36. no culto dessa noite, firmão, segue quente
37. admiro os crente, da licença aqui
38. mó **função**, mó **tabela**, pow, desculpa aí

39. eu me, sinto às vezes **meio pá**, inseguro
40. que nem um vira-lata sem fé no futuro
41. vem alguém lá, quem é quem, quem será meu bom
42. dá meu **brinquedo de furar moletom**

43. porque os **bico** que me vê com os truta na balada
44. tenta ver, quer saber de mim não vê nada
45. porque a confiança é uma mulher ingrata
46. que te beija, e te abraça, te rouba e te mata
47. desacreditar, nem pensa, só naquela
48. se uma mosca ameaça me cata piso nela

49. o bico deu mó **guela**, ró
50. bico e bandidão vão em casa na missão
51. me **tromba** na cohab
52. de camisa larga, vai sabe Deus que sabe
53. qual é a maldade comigo inimigo num **miqué**
54. tocou a campainha plin, pá trama meu fim, dois maluco
55. armado sim, um isqueiro e um estopim
56. pronto pra chamar minha preta pra falar
57. que eu **comi a mina** dele, rá, se ela tava lá
58. vadia, mentirosa, nunca vi deu **mó faia**
59. espírito do mal
60. **cão de buceta e saia**

61. **talarico** nunca fui, é o seguinte
62. ando certo pelo certo, como 10 e 10 é 20
63. já penso doido, e se eu tô com o meu filho no sofá
64. de vacilo desarmado era aquilo
65. sem culpa e sem chance, nem pra abri a boca
66. ia nessa sem sabe
67. (pô cê vê) vida loka

68. mais na rua num é não, até **jack**
69. tem quem passa um pano
70. impostor **pé de breque**, passa pro malandro

71. a inveja existe, e a cada 10, 5 é na maldade
72. a mãe dos pecado capital é a vaidade

73. mais se é para resolver, se envolver, vai meu nome
74. eu vou fazer o que, se cadeia é pra homem
75. malandrão eu? Não, ninguém é bobo
76. se quer guerra terá
77. se quer paz, quero em dobro
78. mais verme é verme, é o que é
79. rastejando no chão, sempre embaixo do pé
80. e fala 1, 2 vez, se marcar até 3
81. na 4ª **xeque-mate**, que nem no xadrez

82. eu sou guerreiro do rap
83. e sempre em alta voltagem
84. um por um, Deus por nós, tô aqui de passagem
85. vida loka
86. eu não tenho dom pra vítima
87. justiça e liberdade, a causa é legítima
88. meu rap faz o cântico dos lokos e dos românticos
89. vou pôr o sorriso de criança, onde for
90. os parceiros tenho a oferece minha presença
91. talvez até confusa, mais real e intensa

92. meu melhor Marvin Gaye, sabidão na marginal
93. o que será, será, é nós, vamo até o final
94. **liga eu, liga nós**, onde preciso for
95. no paraíso ou no dia do juízo, pastor
96. e liga eu, e os irmão
97. é o ponto que eu peço, favela, fundão
98. imortal nos meus versos
99. vida loka

O grupo de *rap* (*rhythm and poetry*) Racionais MC's foi formado no final dos anos 90, em São Paulo, e suas letras denunciavam a realidade da periferia, em que se vivencia o descaso do poder público, o preconceito, o racismo e a pobreza. Neste contexto, o *rap*, como manifestação musical e cultural, torna-se uma arma contra a opressão.

A música “Vida Loka I” foi lançada no álbum “Nada Como um Dia Após o Outro Dia”, em 2002; a autoria é de Mano Brown, cantor e ativista da cultura *Hip Hop*.²

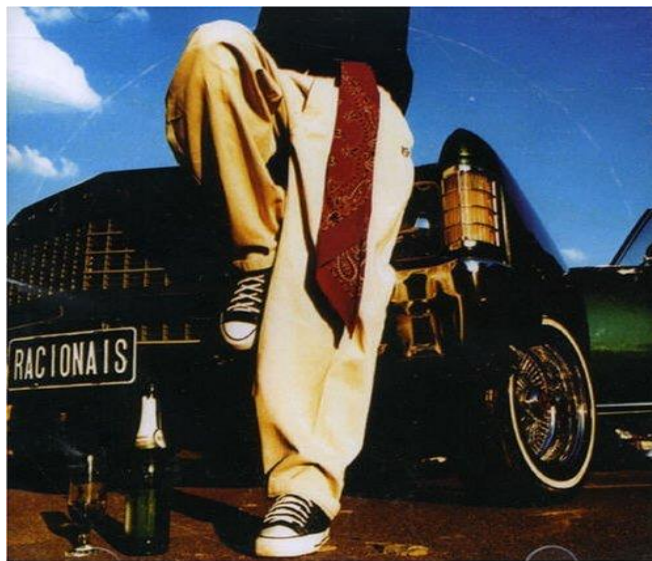


Foto 1 – Capa do álbum “Nada Como um Dia Após o Outro Dia” do grupo Racionais MC's, de 2002

² Segundo Fochi, 2007, em seu artigo *Hip hop brasileiro - Tribo urbana ou movimento social*, o movimento hip hop surge nos anos 70, nos Estados Unidos, como união de pessoas que buscavam uma alternativa à violência, ao descaso, ao racismo e à miséria vivenciada pela periferia. Unindo a dança, break, à arte, grafite, a discotecagem do DJ e a poesia do MC, mestre de cerimônias, temos o gênero musical rap, que ligados ao conhecimento, formou-se os quatro elementos constitutivos da cultura hip hop, uma cultura de resistência advinda das ruas, que tem como intuito a transformação social por meio da união e do conhecimento. Essa cultura passa a ser um instrumento de inserção social, ao reivindicar seus direitos, ao denunciar a sua realidade e ao promover o empoderamento dos sujeitos periféricos, a periferia passa a ter vez e voz.

2 LÉXICO E ESTILO

Como parte do processo analítico proposto neste trabalho, faz-se necessário definir o campo de estudo da Estilística, no qual se insere o léxico, parte da língua que passa permanentemente pelo processo de mudança e variação, visto que a língua é um organismo vivo e heterogêneo, que reflete as transformações da sociedade, e o léxico é um campo aberto à criação, à ressignificação e à incorporação de novas palavras, campo este em que a gíria se insere.

Segundo Martins (1989), na obra *Introdução à Estilística*, a definição de estilo é complexa e numerosa, no entanto, dentre os autores que se atém a definir esse conceito, a autora apresenta os estudos de Georges Mounin, que o separa em três grupos: como desvio da norma, como elaboração e como conotação e, ainda, de acordo com o autor

Nesta encruzilhada onde talvez compreendamos por que é que certo poema nos envolve e nos possui e nos toca de determinada maneira, tem que haver uma convergência de causas linguísticas formais, mas também de causas psicológicas, psicanalíticas, históricas, sociológicas, literárias etc. (MOUNIN *apud* MARTINS p. 3, 1989)

Entende-se que as escolhas linguísticas são motivadas também por causas extralinguísticas. Como definido por Bally, essa área estuda “os fatos da expressão da linguagem, organizada do ponto de vista do seu conteúdo afetivo, isto é, a expressão dos fatos da sensibilidade pela linguagem e a ação dos fatos da linguagem sobre a sensibilidade” (BALLY *apud* MARTINS, 1989, p.4).

A pesquisa de Bally volta-se ao sistema expressivo da língua coletiva, em detrimento da análise dos estilos individuais, literários. A constituição dos sentidos das palavras carrega a visão particular do indivíduo, seu referencial de mundo. São as consideradas palavras de poder evocativo, classificadas por Bally, como “os estrangeirismos, [...] os termos dialetais, os neologismos, *as expressões de gíria*, os quais não só transmitem um significado, mas também nos remetem a uma época, a um lugar, a um meio social ou cultural” (BALLY *apud* MARTINS, 1989, p.80).

Neste sentido, a autora então nos apresenta os estudos dos linguistas David Crystal e Derek Davy, que compreendem que a Estilística analisa também aspectos de

variação linguística, de ressignificação e criação lexical, dado que a língua é indissociável do seu contexto de uso e sua alternância linguística é inerente. Seguindo essa linha de raciocínio, em que o uso da língua abrange aspectos extralinguísticos da vida social do indivíduo, a Estilística é também Sociolinguística, como defendem David Crystal e Derek Davy:

[...] a Estilística é uma parte dessa disciplina [Linguística] que estuda certos aspectos da variação linguística. A língua não é um todo homogêneo, pois nas diferentes situações que se apresentam em nossa vida social, usamos diferentes variedades da linguagem. [...] Cabe à Estilística estudar as variedades quer da língua falada, quer da língua escrita, adequadas às diferentes situações e próprias de diferentes classes sociais. Para estes autores, Estilística é Sociolinguística. (CRYSTAL; DAVY, apud MARTINS 1989, p. 6)

Entende-se que na área de Sociolinguística estudam-se aspectos linguísticos e sociais de maneira interdependente e suas pesquisas voltam-se aos

[...] padrões de comportamento linguístico observáveis dentro de uma comunidade de fala e os formaliza analiticamente através de um sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis. Esse modelo visa a responder a questão central da mudança linguística a partir de dois princípios teóricos fundamentais: (i) o sistema linguístico que serve a uma comunidade heterogênea e plural deve ser também heterogêneo e plural para desempenhar plenamente as suas funções; rompendo-se assim a tradicional identificação entre funcionalidade e homogeneidade; (ii) os processos de mudança que se verificam em uma comunidade de fala se atualizam na variação observada em cada momento nos padrões de comportamento linguístico observados nessa comunidade, sendo que, se a mudança implica necessariamente variação, a variação não implica necessariamente mudança em curso. (LABOV, WEINREICH e HERZOG apud LUCHESI, 2004, p. 67).

3 GÍRIA E SOCIOLINGUÍSTICA

Toda e qualquer língua é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico etc.) e em todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística etc.). (BAGNO, 2015, p. 27)

De acordo com Dubois, na obra *Dicionário de Linguística*, a gíria é definida como

[...] um dialeto social reduzido ao léxico, de caráter parasita (na medida em que ela outra coisa não faz que desdobrar, com valores afetivos diferentes, um vocabulário já existente) empregado numa determinada camada da sociedade que se põe em oposição às outras, tem por fim só ser compreendida por iniciados ou mostrar que eles pertencem a um determinado grupo. [...] Enfim, para renovar o repertório das bases lexicais, as gírias recorrem muitas vezes à metáfora, [...] à substituição por sinônimos parciais [...] a empréstimos a dialetos ou a línguas estrangeiras. (DUBOIS, 2006, p. 308)

Tradicionalmente a linguagem está atrelada à norma-padrão, reconhecida e perpetuada como correta, de prestígio social e relacionada às camadas mais escolarizadas e de maior poder econômico dentro da sociedade. Além disso, há a tendência ao nivelamento do uso da linguagem, principalmente pela influência dos meios de comunicação que, em grande parte, direcionam e modificam a atitude linguística do falante. No entanto, Dante Luchesi em seu artigo “Norma Linguística e Realidade Social”, aponta que

[...] temos de um lado um padrão institucionalizado que define as formas de prestígio e é imposto dentro da comunidade de cima para baixo no plano social e atua de forma mais notável no nível da consciência dos falantes. De outra parte, como movimento de baixo para cima e de dentro para fora, temos um processo de difusão de uma determinada variante dentro de um, ou mais, grupo social. Ao se expandir, essa variante adquire um determinado significado social e os falantes desse ou desses grupos passam a utilizá-la, de forma mais ou menos consciente, para *afirmar a sua identidade cultural*. (LUCHESE, 2004, p.68)

Para Preti (1984), é próprio da natureza humana opor-se ao uso convencional da linguagem ligada à norma-padrão. Isso ocorre porque o uso da língua está intimamente ligado ao comportamento social do indivíduo.

Essa oposição ao uso provoca, de imediato, suas reações diversas na comunidade: a primeira, de crítica, de condenação, porque ela infringe os padrões linguísticos, opõe-se agressivamente à tradição, mantida em especial pela escola; a segunda, de curiosidade, dado que toda e qualquer reação às regras sociais vigentes causa admiração, e o uso restrito evoca hábitos, atitudes, atividades pouco correntes e, muitas vezes, contestatórias. [...] Falando diferente, estropiando a linguagem, [a gíria] agride o convencional, opõe-se ao uso aceito pela maioria, e deixa marcado seu *conflito com a sociedade*. (PRETI, 1984, p. 3 e 4)

Segundo o linguista (PRETI, 1984, p. 6), a gíria apresenta um mecanismo tanto de defesa, ao desprezar o uso da linguagem corrente usada pela sociedade e identificar-se como grupo por intermédio da linguagem, como também de agressão, pois, ao manter seu signo de grupo em uma situação formal, o indivíduo demonstra, por exemplo, clara oposição e indiferença ao seu interlocutor.

Preti explica, no entanto, que, devido ao uso e à efemeridade da gíria, ocorre um desgaste natural e, com o tempo, a gíria perde seu caráter de grupo e passa a ser uma gíria comum. Para o autor, ao perder sua ligação como signo de grupo, “a gíria integra-se na fala e na vida do povo e torna-se um instrumento na luta de classes” (PRETI, 1984, p. 5).

Com isso, o uso corrente de termos gírios passa a ter valor afetivo e perde o aspecto de agressividade que continha-anteriormente. Por outro lado, segundo Preti, o grupo nem sempre cria um código novo e muitas vezes limita-se à “alteração de significados por processos metafóricos” ou ainda a “uma deformação dos significantes usuais”, o que o linguista chama de vocabulário parasita que, em determinados momentos, compete com o vocabulário usual. Para o linguista (PRETI, 1984, p. 6), a gíria é tida como “domínio de certos grupos, de início, integra-se paulatinamente no uso popular, onde se desgasta, degenera-se, alarga seu sentido e acaba extinguindo-se. Ao contrário da linguagem obscena, a gíria tem vida efêmera.”

E ainda aponta que

O problema da especificidade do vocabulário gírio e de sua classificação também está ligada ao fenômeno de *prestígio linguístico*. Oriundos do vocabulário das baixas classes sociais, quando não da linguagem marginal, certos termos ascendem na escala sociocultural, integram-se no uso diário da comunidade, chegam a alcançar, não raro, até os contextos literários. Essa transformação, em geral, dá-se pelo contato entre a língua oral e a escrita, em particular pelos textos de jornais ou pela crescente influência do rádio e TV, com a ocorrência desses vocábulos nas entrevistas e novelas. A partir

daí, passam a ser dicionarizados, pelo menos naqueles léxicos mais abertos à influência da linguagem popular. (PRETI, 1984, p. 21)

No entanto, para o autor, a partir do momento em que a gíria torna-se comum, é complicado identificar o vocábulo como gírio ou pertencente à linguagem popular. Porém, sua inserção na linguagem coloquial infere uma mudança.

Sua crescente aceitação dentro da cultura de massa e seu ingresso na norma linguística da mídia, nos casos de vocábulos que já perderam sua significação secreta de grupo, misturando-se à linguagem comum, favoreceu decisivamente a atenuação do preconceito. (PRETI, 2001, p. 248)

Um exemplo disso, para o autor, seria a aparição de termos gírios nos dicionários de língua, além de dicionários especializados nesse vocabulário. Em seu detalhamento de verbetes, o dicionário de língua Houaiss (2009, p. XIX), por exemplo, coloca que “a linguagem informal é a denominação genérica que usamos para as palavras, locuções ou acepções classificadas em outras fontes como: popularismos, plebeísmos, gíria, linguagem familiar e infantil”, em que a gíria é classificada como “palavras ou locuções de linguagens especiais, criadas ou adaptadas para colorir acepções ou ocultar a significação de outras palavras, de modo a serem entendidas por determinado segmento ou grupo social apenas”.

Em contrapartida, no *Dicionário de gíria - modismo linguístico - o equipamento falado do brasileiro*, em sua quinta edição, Serra e Gurgel traz, na apresentação de seu dicionário, a seguinte definição de seu trabalho:

A gíria, pode-se afirmar sem constrangimentos, escrúpulos ou receios, ultrapassou os umbrais de um ghetto linguístico ou do underground da marginalidade linguística. Não entraria no questionamento das causas substantivas desta inferência, mas sem dúvida uma delas é o empobrecimento da língua, como consequência do baixo índice de instrução, de educação, de cultura e civilização no sentido intrínseco de nosso povo. [...] Esta contribuição, se isto pode ser chamado de contribuição, a que me propus, ao trazer a gíria para o nosso meio, tal qual ela se comporta e se integra no dia a dia dos brasileiros de todas as etnias e classes sociais. Mais como efeito do que como causa. Efeito da própria deterioração da linguagem padrão, da linguagem ideal ou oficial, apoiada e articulada na gramática, na morfologia, na sintaxe e no universo tão amplo da língua portuguesa. Hoje, certamente, ousaria afirmar: nem as elites se exprimem observando o rigor dos cânones linguísticos. (SERRA E GURGEL, 1998, p. 28-29)

O autor expõe claramente seu preconceito social e linguístico, seu desconhecimento do que significa norma-padrão e variedades linguísticas, além da ausência de qualquer aprofundamento bibliográfico em Sociolinguística.

No entanto, segundo Preti, houve uma atenuação do preconceito em relação ao uso da gíria. Porém

Sua natural ausência na escrita e as restrições de seu emprego em muitas situações de comunicação na língua oral vêm comprovar uma atitude linguística de rejeição, por parte de quem fala ou escreve, o que torna a gíria um vocabulário marcado, cujo uso enfrenta preconceitos na sociedade. (PRETI, 2001, p. 241)

Para o pesquisador, o que dificulta uma pesquisa histórica do fenômeno é “o fato de os pesquisadores, em particular os linguistas, não revelarem um interesse maior pelo estudo da gíria. E isso também indica um aspecto preconceituoso em relação a esse vocabulário” (PRETI, 2001, p. 241).

Por outro lado, o linguista ressalta a importância de estudo da gíria ao compreender o fato como inerente à linguagem, além de conter um traço de originalidade em seu uso.

Seria inútil pretender impedir esse complexo mecanismo da vida e da linguagem dos grupos sociais. Seria inútil, toda tentativa de nivelamento por padrões mais cultos da língua. O que se poderia pensar, isto sim, como tarefa primordial do organismo escolar, seria, através de um lento processo cultural, levar os falantes das várias classes à consciência dos vários *dialetos sociais*, dos vários níveis de linguagem adequados às mais diversas situações e regidos pelas diferentes normas linguísticas (culto, comum, popular), sujeitas aos diversos fatores socioculturais que agem sobre a língua. Por outras palavras: aceitaríamos a gíria, até mesmo a linguagem obscena, mas apenas em determinados contextos da linguagem popular. E poderíamos ir mais longe: em certos momentos ela pode tornar-se o vocabulário ideal para a expressão de certos estados afetivos. (PRETI, 1984, p 8)

4 PRECISAMOS FALAR SOBRE PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Bagno (2015), em seu livro “Preconceito Linguístico”, discorre sobre um problema pouco discutido e combatido em nossa sociedade: o preconceito contra as variedades linguísticas, que são estigmatizadas por serem distintas das variedades de prestígio, língua falada pelos cidadãos de poder aquisitivo, alto índice de escolarização e que usufruem de bens culturais.

A discriminação é explicada pela alta concentração de renda em nosso país e pela injusta e desigual realidade a que a maioria da população está exposta. São essas distinções, decorrentes de um preconceito social,

[...] que explicam a existência em nosso país de um verdadeiro abismo linguístico entre os falantes das variedades estigmatizadas do português brasileiro (moradores da zona rural ou *das periferias das grandes cidades*, miseráveis ou pobres, analfabetos ou semianalfabetos) - que são a maioria de nossa população - e os falantes das variedades prestigiadas (moradores dos centros urbanos, mais escolarizados e de poder aquisitivo mais elevado). (BAGNO, 2015, p.25)

Bagno, em seu ativismo linguístico para um ensino democrático, questiona o ensino da norma-padrão sem criticidade, sem oferecer ao aluno uma reflexão sobre a gramática normativa, em contraposição às variedades de prestígio e às estigmatizadas, e sugere que o ensino tenha uma abordagem inclusiva, de caráter democrático.

A aceitação, a defesa e o reconhecimento da legitimidade das variedades sem prestígio social não estão em contradição com o trabalho didático de levar os falantes dessas variedades sem prestígio social a se apoderar também de novos recursos linguísticos, de outras variedades, principalmente das urbanas de prestígio e da norma padrão tradicional, que ele só terá condições de conhecer por meio da escolarização. (BAGNO, 2015, p. 35)

No capítulo “A Desconstrução do Preconceito Linguístico”, Bagno apresenta as “Dez cisões para um ensino de língua não (ou menos) preconceituoso”, dos quais citamos as cisões 7 e 8, que sintetizam a discussão traçada até o momento.

7. Respeitar a variedade linguística de toda e qualquer pessoas, pois isso equivale a respeitar a integridade física e espiritual dessa pessoa como ser

humano, porque a língua permeia tudo, ela nos constitui enquanto seres humanos. 8. Nós somos a língua que falamos. A língua que falamos molda nosso modo de ver o mundo e nosso modo de ver o mundo molda a língua que falamos. (BAGNO, 2015, p. 201)

5 ANÁLISE DA MÚSICA “VIDA LOKA 1”

Segundo Preti (1984), foi tradicionalmente aceito que a linguagem técnico-científica estaria relacionada ao registro formal, a gíria à linguagem marginal e o vocabulário obscuro estaria ligado ao registro popular. No entanto, ao estudar as variações lexicais, o autor coloca duas possibilidades de análise: a pesquisa sociológica na qual a linguagem é um dos dados a ser interpretado, e a abordagem sociolinguística, na qual partiríamos de um *corpus* para compreender a formação das variantes socioculturais. Para este tipo de análise, Preti recomenda:

Na análise desse material léxico um cuidado se impõe: é preciso separar o que é de domínio individual e, como tal, permanece, do que é de uso coletivo. No primeiro caso, o material é de interesse estilístico, no segundo, pelo fato de fazer parte essencial da comunicação do grupo social, pertence ao *domínio linguístico*. (PRETI, 1984, p. 15)

Para o autor, as variações no léxico ligam-se aos dialetos sociais e seu uso está relacionado a grupos sociais restritos, como também à sociedade em geral, como a gíria comum, por exemplo.

O maior interesse para a pesquisa sociolinguística reside justamente na variação que têm apresentado, em relação aos dialetos sociais e registros a que vêm ligados, emigrando de grupos e situações com que sempre estiveram relacionados para contextos novos, em função das transformações sócio-culturais da sociedade moderna. (PRETI, 1984, p. 11)

O linguista observa que as transformações sociais e a expansão do acesso aos meios de comunicação permitem que a linguagem dos grupos restritos seja de domínio comum dos mais variados falantes, devido à interação cultural e as transformações midiáticas. No entanto, apesar de a gíria deixar de pertencer ao signo de grupo, quando cai na linguagem popular e passa a ter maior aceitação social, não devemos nos esquecer de sua associação à marginalidade, à periferia. Portanto, há um estigma de preconceito e discriminação social e racial, de modo que se torna importante refletirmos sobre o preconceito linguístico, a fim de defender a importância de sua expressividade e de seu conhecimento perante outros registros linguísticos.

Em “Vida Loka 1”, música do grupo de *rap* Racionais MC’s, explora-se o universo que constitui a periferia da cidade de São Paulo, onde os moradores fazem suas próprias leis. Violência, crenças, morte e desavenças permeiam a história, contada de forma direta e objetiva, com traços evidentes da oralidade, em tom religioso e também agressivo, em que Mano Brown é acusado de ter tido relações sexuais com a mulher de um outro homem, exposto na letra como *pipoca, bico e malandrão*, enquanto a mulher, por ter conduzido a situação, é tida como *vagabunda, vadia, mentirosa, espírito do mal, cão de buceta e saia*. O MC (mestre de cerimônias) expõe sua indignação por ter sua reputação questionada e sua vida posta em risco, além de deixar claro que não se intimida com a situação (versos 73 a 81): “mais se é para resolver, se envolver, vai meu nome/ eu vou fazer o que, se cadeia é pra homem/ malandrão eu? não, ninguém é bobo/ se quer guerra terá/ se quer paz, quero em dobro/ mais verme é verme, é o que é/ rastejando no chão, sempre embaixo do pé/ e fala 1, 2 vez, se marcar até 3/ na 4ª **xeque-mate**, que nem no xadrez”//

Na letra, a utilização de termos gírios revela tanto um elemento de autoafirmação (versos 82 a 87): “eu sou guerreiro do rap/ e sempre em alta voltagem/ um por um, Deus por nós, tô aqui de passagem/ vida loka/ eu não tenho dom pra vítima/ justiça e liberdade, a causa é legítima”; quanto de identidade de um grupo, visto que o rap é um dos elementos mais importantes e combativos da cultura hip hop, por carregar o discurso de descontentamento e opressão e por retratar problemas vivenciados na periferia, o que serve também como elemento unificador, de afirmação da identidade cultural e de caráter afetivo para a periferia (versos 93 a 99): “o que será, será, é nós, vamo até o final/ **liga eu, liga nós**, onde preciso for/ no paraíso ou no dia do juízo, pastor/ e liga eu, e os irmão/ é o ponto que eu peço, favela, fundão/ imortal nos meus versos/ vida loka”.

Preti (1996) aponta duas perspectivas de análise possíveis para compreendermos e analisarmos a gíria:

Quando falamos em gíria, devemos ter presente um fenômeno tipicamente sociolinguístico, que pode ser estudado sob duas perspectivas: a primeira, a da chamada gíria de grupo, isto é, a de um vocabulário de grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria, seja pelo inusitado, seja pelo conflito que estabelecem com a sociedade. No primeiro caso, estão os grupos jovens ligados à música, à dança, às diversões, aos pontos de encontro nos shoppings, à universidade, etc; no segundo, estão os grupos comprometidos com as drogas, com a prostituição, com o homossexualismo, com o roubo e o crime, com o contrabando, com o ambiente das prisões, etc. Uma segunda perspectiva, a da gíria comum, é a que estuda a vulgarização do fenômeno, isto é, o momento em que, pelo contato dos grupos restritos

com a sociedade, essa linguagem divulga-se, torna-se conhecida, passa a fazer parte do vocabulário comum, perdendo sua identidade inicial. (Preti, 1996, p.139-40)

Diante do que foi exposto, vamos fazer a análise dos termos gírios presentes na canção, inferidos e com atribuição de significado feita empiricamente por mim, em confronto com o dicionário de língua Houaiss e também com o Dicionário de gíria, de Serra e Gurgel, para uma melhor compreensão da expressividade desses vocábulos e verificar a possibilidade de mudança linguística, configurada como o processo no qual a gíria perde seu caráter de signo de grupo restrito e seu uso integra-se ao vocabulário comum:

- **Vida Loka** (título): remete à rapidez da vida, ao inesperado.
- **Pipoca** (2): sujeito medroso que se envolve com alguém comprometido.
- **Truta** (6): amigo, companheiro. Em Serra e Gurgel (1998) a primeira acepção traz como “corrupção, propina” e em seguida como “ladrão” (p. 447). Infere-se que esse vocábulo perdeu a conotação ligada à marginalidade e hoje possui um valor afetivo.
- **Mano** (10): irmão, colega, amigo, você. No dicionário Houaiss (2009, p. 1236) “infrm. **1** irmão bilateral ou irmão unilateral; **2** aquele com quem se tem relação de afeto, de intimidade, de amizade, amigo, camarada, colega; **3** aquele com quem se divide uma atividade, opinião, empreitada; parceiro.” Enquanto em Serra e Gurgel é definido como (1990 p. 305): “irmão”.
- **Firmão** (13): cumprimento como “e aí?”.
- **Firmeza** (14): negócio fechado, certeza, pessoa por quem se tem consideração. Em Serra e Gurgel (1990, 251): “aquele que discute qualquer assunto”.
- **Quebrada** (14): local, região. O dicionário Houaiss traz em sua **5** acepção como “local distante” (pg. 1588). Enquanto Serra e Gurgel (1990, p. 390): “canto”.
- **Pampa** (15): beleza, tranquilo.
- **Mó** (20): uso coloquial de “maior”. Serra e Gurgel (1990): maior (p. 316).
- **Ligado** (26): alerta, atento. No dicionário Houaiss (2009 pg. 1178) “infrm. **7** intensamente atento, absorto, concentrado”. Em Serra e Gurgel (1990, p. 292): “atento”.
- **Corre** (27): realizar alguma coisa.
- **Função** (38): reunião de pessoas.
- **Tabela** (38): cheiro forte de maconha. Na música, Mano Brown pede desculpas aos crentes por fumar em frente à igreja.

- **Meio pá** (39): desanimado.
- **Brinquedo de furar moletom** (42): metáfora que remete à arma de fogo.
- **Bico** (42): penetra; intrometido. No dicionário Houaiss (2009, p. 352) “infrm. **4** serviço eventual.”. Já em Serra e Gurgel (1990, p. 133): trabalho. Nota-se que o vocábulo adquiriu um novo significado semântico.
- **Guela** (49): que causa intriga, fofoqueiro.
- **Trombá** (51): encontrar. No dicionário Houaiss (2009) “**Trombar** infrm. colidir com; chocar-se”. Este vocábulo em questão adquiriu um significado semântico mais brando.
- **Miqué** (53): uso coloquial de “me quer”.
- **Comi** (57): ter relações sexuais. No dicionário Houaiss (2009, p. 500) “tabu. **12** possuir sexualmente”, em Serra e Gurgel (1990, p. 170) **comer**: “fazer sexo”.
- **Mina** (57): garota, mulher. No dicionário Houaiss (2009) “infrm. **10** mulher jovem; garota, menina”. Em Serra e Gurgel (1990, p. 315) “mulher, mulher de cafetão, garota”. Nota-se que apenas o dicionário de gíria traz a acepção ligada à prostituição, podemos inferir que esta conotação se perdeu com o uso frequente do vocábulo e com atenuação do preconceito ligado ao seu uso.
- **Mó faia** (58): uso coloquial de “maior falha”.
- **Cão de buceta e saia** (60): metáfora para a definição pejorativa de “diabo em forma de mulher”.
- **Talarico** (61): sujeito que cobiça a mulher do próximo.
- **Jack** (68): estuprador.
- **Pé de breque** (70): sujeito que só atrapalha.
- **Xeque-mate** (81): metáfora que remete à jogada de xadrez que define um jogo; nesse caso, faz alusão a um assassinato.
- **Liga eu, liga nós** (94): manter informado.

Embora não seja possível afirmar que esses vocábulos são considerados hoje como gíria comum ou pertencentes à linguagem comum ou informal, dada a ausência de estudos históricos sobre o tema, nota-se que alguns termos já foram dicionarizados e são considerados como pertencentes à linguagem informal, o que pode ser caracterizado, possivelmente, como um indicativo de mudança linguística, em que os termos gírios passam a ser aceitos e dicionarizados, como exemplificado pelos verbetes presentes no dicionário de

língua Houaiss. Nestes casos, conforme colocado por Preti, a gíria alarga seu sentido e passa a fazer parte do vocabulário comum, ao perder seu caráter de signo de grupo.

No entanto, como podemos notar, os estudos relacionados à gíria são escassos e ainda existem uma série de lacunas as quais precisam ser revistas por linguistas, a fim de compreendermos melhor esse fenômeno. A esse respeito, Preti coloca que

Hoje o maior desafio dos pesquisadores do assunto reside na gíria comum, isto é, na descaracterização do signo grupal e a conseqüente dispersão desses vocábulos na linguagem comum, nos mais variados contextos e situações de comunicação. Alguns linguistas mais ortodoxos chegam a negar a esses vocábulos, nesse estágio, a própria condição de gíria, preferindo aceitá-los como vocábulos comuns. (PRETI apud Caradec, F. 2001)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, na ausência de subsídios históricos sobre o tema, é impreciso apontar se os termos gírios podem ser considerados como integrados na linguagem comum, apesar de sua dicionarização. A esse respeito, tem relevância histórica a recolha feita por Serra e Gurgel (1998). No entanto, é impossível ser indiferente às suas colocações preconceituosas, à sua visão tradicional sobre a norma-padrão e ao seu desconhecimento, ou desprezo, em relação à Sociolinguística.

Constata-se também que, devido à deficiente oferta de bibliografia sobre a temática gíria, foi difícil realizar esta pesquisa, dado que Preti é um dos poucos autores a se interessar por esse estudo. Segundo o linguista, existe um desinteresse dos acadêmicos pelo tema, o que revela o preconceito linguístico dentro do próprio ambiente que deveria ser propositivo em relação a pesquisas sobre o assunto. No entanto, na ausência de prestígio social que esse estudo infelizmente carrega, a academia segue passiva e desinteressada.

Seria de extrema importância a valorização de pesquisas sobre as variedades estigmatizadas da língua, como forma de combate à discriminação, já que o Brasil é um país multicultural e multilíngue, diversificado por excelência. Por isso, é considerável ressaltar que as escolhas linguísticas feitas pelos usuários da língua refletem suas identidades como seres humanos, revelam sua visão de mundo e sua cultura. E qualquer preconceito contra os seus falares precisa ser problematizado, discutido, visto que tal atitude revela uma discriminação social e racial.

Por fim, a educação e a pesquisa servem, ou deveriam servir, como instrumento de emancipação dos sujeitos, um espaço de inclusão, no qual as diferenças contribuem e ampliam o conhecimento, ao invés de restringir ou estigmatizar uma cultura ou classe social em detrimento de outra.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- DUBOIS, J. (org.) **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- FOCHI, M. A. B. **Hip Hop brasileiro: tribo urbana ou movimento social**. FACOM, São Paulo, nº 17, p. 61-69, 2007. Disponível em <http://www.fAAP.br/revista_faap/revista_facom/facom_17/indice.html> Acesso em: setembro de 2015.
- HOUAISS, A. e VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LUCCHESI, D. Norma Linguística e Realidade Social. In: BAGNO, M. (org.). **Linguística da Norma**. São Paulo: Loyola, 2004, p. 63-69.
- MARTINS, N. S. **Introdução à estilística**. São Paulo: EDUSP, 1989.
- PRETI, D. A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social. In: PRETI, D. (org.) **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2001. v. 4, p. 241-255.
- PRETI, D. **A gíria e outros temas**. São Paulo: T. A. Queiroz: USP, 1984.
- _____. **Dicionários de gíria**. ALFA, São Paulo, v. 44, p. 57-73, 2000. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4199/3795>> Acesso em: out. de 2015.
- RACIONAIS MC's. Nada Como um Dia Após o Outro Dia. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=fU5WjHfL9Ng>> Acesso em junho de 2015.
- _____. Vida Loka 1. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=U5Kn5eXpRTo>> Acesso em junho de 2015.
- SERRA E GURGEL, J. B. **Dicionário de gíria - modismo linguístico - o equipamento falado do brasileiro**. 5ª edição. Brasília: 1998.
- Dialeto. Disponível em <<http://www.capao.com.br/dialeto.asp>> Acesso em: out. 2015.